



Por Eugénio Costa Almeida

**Apresentação da obra “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”
(autor João Craveirinha (JC), ed. Universitária Editora de Lisboa, 2005);
lançamento efectuado Palácio das Galveias, Lisboa, 28 Setembro 2005**

Boa Noite,

Quero, em primeiro lugar, agradecer a honra que o autor, João Craveirinha (JC), me concedeu ao convidar para efectuar a apresentação da obra que hoje é lançada “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”; uma peça de Teatro que o autor preparou para ser, e almeja, um dia – que espero não longínquo – levada a cena como uma Opereta.

JC faz um abordagem, diria inédita, do poeta Fernando Pessoa, quando já reconhecido internacionalmente mas intercalando, a espaços e com uma sequência brilhante, partes históricas da África do Sul onde o poeta viveu durante cerca de 10 anos.

Dez gloriosos anos vividos na maior parte do tempo em Durban onde estudou e obteve um dos maiores galardões que um qualquer estudante poderia obter numa escola sul-africana: o prémio “Queen Vitoria Memorial Prize”, pelo melhor ensaio de estilo inglês. Cem anos depois essa escola, a

Durban High School, imortaliza-o colocando um busto seu, perto da biblioteca numa ala que passou a ser conhecida por “dead poets”.

Pois esta obra que mais que uma peça de Teatro é, claramente, um ensaio teatralizado da vida do poeta nos loucos anos que antecederam a II Guerra Mundial, que levaram à queda da I República Portuguesa e ao início do “apartheid”. E, em simultâneo, é aproveitado o lado místico e esotérico do poeta (não esquecer, e o autor não o esquece, que Pessoa foi o tradutor “oficial” do místico inglês Charles Leadbeater, de quem se tornou amigo e de quem mais tarde se afastou) ao projectar como uma das principais personagens da obra o espírito de uma princesa suazi-ronga (gravura representada na capa) que tenta (re)atrair Pessoa para as questões africanas e que este parece ter esquecido algures na sua imensa obra.

(E se analisarmos a obra de Pessoa e todos os que a têm estudado, constata-se que a passagem africana está unicamente consubstanciada na ida para Durban, nos estudos locais e no regresso a Portugal, com passagem pelo Brasil).

Pois é isto que JC tenta evidenciar nesta obra.

Mas JC não se fica pela vida intelectual do poeta. Este é o princípio que norteia o enredo de “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”. JC analisa a crise sul-africana que antecede o “apartheid” trazendo à colação personalidades como Hendrik Verwoerd (líder bóer), Winston Churchill (enquanto jovem repórter de guerra inglês), Mahatma Gandhi (quando ainda jovem e apaziguador advogado), Albert Luthuli (líder anti-apartheid e primeiro Nobel da Paz sul-africano) e *last, but not least*, Nelson Mandela, (embora como kota – o mais-velho – o líder da conciliação).

Mas aborda também – não esquecendo a sua veia histórico-investigadora que bem se lhe reconhece – as evoluções políticas ao longo dos anos, com particular destaque para os 8 Impérios.

O autor faz-nos caminhar do 1º império, o dos Faraós, até ao emergente 8º império, o do Dragão chinês (e aqui quero levantar um pequeno parêntesis: o autor mostra a sua vertente prospectivista e investigadora da geo-estratégia ao admitir já em 1996/97, período em que esta obra foi escrita, a emergência deste 8º império), passando sucessivamente, pelos dos Caldeus, Sírios, Romanos, Português (aqui permito-me divergir da afirmação do autor, já que

considero que este Império, embora de início português, acabou por se tornar luso-britânico), Soviético e o da Águia Americana.

Mas é o neo-império chinês que nos começa a preocupar e que o autor deixa subentendido no final da III Cena do II Acto. Um emergente império que parece já querer, também, continuar a asfixiar África, na linha dos seus três ancestrais impérios. Uma asfixia lenta e envolvente que já perdura há dezenas – centenas – de anos. Os têxteis sul-africanos já o sentem. Populacionalmente, alguns países também.

E esta maravilhosa e mística África (onde Pessoa parece ter bebido o seu esoterismo) que JC pergunta se a Pessoa de Fernando ignorou?

Esta África que Luthuli, a certa altura, na cena III do VI Acto, grita “Hosi Sikê-léla Afrikaa” (Deus erguerá África)

A África que devemos ser nós a nos preocuparmos em a erguer, embora com a ajuda de Deus. “BaNto na Hosi Sikê-léla Afrikaa”

Kandandu África

Kanimambo João Craveirinha

.....

Eugénio Costa Almeida (luso-angolano)

(Mestrado em Relações Internacionais)

Lx. 21.Setembro.2005